



São Sofrônio, patriarca de Jerusalém:

Vida de Santa MARIA DO EGITO



PRÓLOGO

É algo louvável esconder o segredo dos Reis; mas há glória em publicar as obras de Deus, como diz o Anjo a Tobias, quando este recobra de maneira miraculosa a visão – tendo passado por tantos perigos goza então, dos efeitos do amor e da ajuda de Deus. É bastante perigoso descobrir os segredos dos

príncipes e, contrariamente, causa muito prejuízo à alma calar-se sobre as ações ilustres, que Deus faz em favor dos homens pelo excesso de Sua bondade e de Sua misericórdia. É, portanto, temerário encobrir com o silêncio as maravilhas divinas, por um justo julgamento. Seria cair na mesma condenação daquele servo inútil que ao invés de aproveitar do talento recebido escondeu-o na terra. Eu não sepultaria nas trevas uma história tão santa quanto esta que chegou ao meu conhecimento. E não é preciso sequer acrescentar fé ao que vou escrever, considerando-se o espanto, que ações tão extraordinárias causarão. Deus me proteja de ser mentiroso em assuntos santos, e de violar a verdade daquilo que concerne a Sua glória; não tomarei parte no perigo que correm aqueles, que não compreendem senão as coisas baixas, e julgando indignamente a grandeza de um Deus que Se fez homem, não acrescentarão nada de fé a este discurso. E há pessoas que depois de o terem lido, recusam-se a lhe dar o crédito e a admiração que merece uma história tão miraculosa. Suplico a Deus que tenha piedade delas e abra-lhes o espírito, a fim que elas escutem Sua Santa palavra, e que não se tornem culpadas pelo desprezo, de tantos milagres que Ele decidiu fazer em toda a eternidade a favor de Seus Eleitos; assim elas agem considerando a fraqueza da natureza humana, julgando impossível tudo o que lhes é contado sobre as ações extraordinárias dos Santos.

Eu vou então começar esta narrativa, onde escreverei palavra por palavra segundo aquilo que se sabe ter acontecido e que me foi reportado por um homem santo, alimentado pela ciência e pela prática das coisas divinas. E, que ninguém se deixe tomar pela incredulidade, como se fosse impossível que tão grande milagre acontecesse hoje em dia, visto que a graça de Deus – que século a século circula na alma dos santos – torna-os Seus amigos e faz Profetas; assim como Salomão nos ensina através do conhecimento que Ele lhe deu. Mas não se deve separar o relato deste grande e generoso combate de Maria do Egito, do modo com que ela terminou seus dias na terra.

CAPÍTULO 1

O abade Zósimo – que era um solitário de grande virtude – tendo sido tentado por pensamentos de vaidade, apresenta-se-lhe um homem que lhe diz para ir a um mosteiro perto do Jordão onde ele mesmo fora recebido.

Havia num mosteiro da Palestina um homem chamado Zósimo que, tendo sido desde a sua infância instruído com grande zelo nos exercícios da vida solitária e educado santamente, fazia brilhar em suas palavras e em suas ações uma verdadeira piedade. Entretanto, não imaginem que eu queira aqui falar daquele Zósimo acusado de ensinar erros no que concerne a crença; os nomes são os mesmos. Este de quem falo, ficou primeiramente em um mosteiro da Palestina e passando por todos os exercícios da vida solitária, tornou-se muito recomendado pela pureza de seus hábitos e o seu fervor na penitência; pois observava inviolavelmente todas as instruções que lhe davam aqueles que desde a juventude haviam sido alimentados deste santo modo, de forma a mantê-lo capaz de suportar os combates que se lhes

apresentavam na prática exata das regras e, não bastando, acrescentou ainda muito de si, pelo desejo que trazia de sujeitar a carne ao espírito. Assim, jamais percebeu-se uma pequena falta na menor das coisas e ele realizava tão perfeitamente tudo o que se esperava de um solitário, que se via com frequência muitos outros, tanto das redondezas quanto das províncias distantes, virem até ele e, por suas instruções e seus exemplos, portarem-se com mais ardor do que antes, nos outros santos exercícios da penitência.

Tendo tantas qualidades excelentes, meditava sem cessar sobre as Santas Escrituras, pois, quer estivesse deitado para um pequeno repouso, quer estivesse levantado, quer trabalhasse com as mãos ou comesse, seu espírito ocupava-se sempre deste objetivo que se lhe tornara tão familiar e nunca interrompida a obra de recitar os Salmos e de meditar sobre as Sagradas Escrituras. Assim, tornado-se digno de ter seu espírito esclarecido por Deus, aqueles que viviam com ele asseguravam que frequentemente era favorecido com visões; o que não é nem estranho nem incrível, pois nosso Senhor Jesus Cristo diz: “Bem-aventurados os puros de coração, pois verão a Deus;” com mais razão ainda àqueles que purificaram a sua carne, que sempre permaneceram em abstinência e cujo espírito jamais adormece no caminho da piedade; esses podem ter os olhos iluminados pelas luzes divinas, como marca da felicidade que os espera na outra vida, onde O verão em toda a Sua majestade e glória.

Zósimo dizia que estava naquele mosteiro praticamente desde ter deixado o seio materno, onde viveu até os 53 anos na observância das regras da vida solitária, e um dia, vendo-se tentado por alguns pensamentos que lhe faziam crer ser perfeito, em todas as instruções de quem quer que fosse, dizia consigo: “Há algum Solitário no mundo que possa ensinar-me algo de novo, ou mostrar-me algo que eu ainda não tenha realizado por minhas próprias ações, nesta santa maneira de viver? Haverá alguém que me ultrapasse?”

Como ele se entretinha com estes pensamentos e alguns outros parecidos, apresentou-se um homem diante dele que lhe disse: “Zósimo, é verdade que combatestes generosamente e tanto quanto um homem poderia fazer. É verdade que correste bastante na carreira da vida solitária. Mas não há nenhum homem que possa se vangloriar de ser perfeito, sobretudo porque tu não sabes ainda que o presente combate é mais difícil de suportar do que os passados, e a fim de que conheças que há muitas outras vias para chegar à Salvação, sai de teu país, sai do meio dos teus próximos, sai da casa de teu pai como o grande patriarca Abraão, e vai-te ao mosteiro que fica ao longo do Jordão.”

Seguindo aquilo que lhe havia sido recomendado, Zósimo saiu do mosteiro onde havia sido alimentado desde a sua infância, e tendo chegado à beira do Jordão – o mais santo de todos os rios – foi conduzido pelo mesmo homem ao mosteiro, onde Deus lhe ordenara ir. Tendo batido à porta e falado com o porteiro, este irmão foi dizer ao abade o qual veio recebê-lo, reconhecendo por seu hábito e por sua continência tratar-se de um Solitário.

Depois que Zósimo pôs-se de joelhos conforme o costume dos Solitários e que pediu a sua bênção, o abade lhe disse: “De onde vens, meu irmão? E que assunto te traz até os pobres Solitários?” Zósimo respondeu: “Meu pai, não estimo ser necessário dizer-vos de onde venho, e penso que é suficiente que saibais, que o que me traz é o desejo de encontrar aqui temas de edificação, pois soube coisas tão vantajosas deste mosteiro e tão dignas de elogio, que são capazes de levar os homens a unirem-se a Deus.” O abade retorquiu: “Meu irmão, que Deus, o único que pode curar as enfermidades da alma, queira por Sua graça instruir-te e a nós também com Seus mandamentos e conduzir nossos passos para caminharmos nos santos caminhos; pois não há homem algum que seja capaz de fazer outros, avançarem na virtude. É preciso que cada um vele cuidadosamente sobre si mesmo e, sem elevar alto demais seus pensamentos, faça o que lhe for mais vantajoso para chegar à perfeição; Deus cooperando com ele. Todavia, já que dizes que a caridade de Jesus Cristo te traz aqui para ver os pobres solitários, podes permanecer conosco se é este o teu desejo; e o Bom Pastor, que deu a vida para nossa salvação e que chama as suas ovelhas cada uma por seu nome, nos alimentará pela graça de Seu Espírito Santo.” Tendo o abade concluído suas palavras, Zósimo ajoelhou-se ainda e após ter recebido a bênção, respondeu: “Assim seja” e ficou no mosteiro.

CAPÍTULO 2

Sobre a perfeição em que se vivia neste mosteiro, onde os Solitários passavam quase toda a quaresma no deserto.

Ele viu lá, anciãos de rostos veneráveis, admiráveis em suas ações, fervorosos em espírito, e que serviam a Deus sem qualquer interrupção. Não havia hora durante a noite em que não se cantasse os salmos, e durante o dia eles estavam sempre em suas bocas, enquanto trabalhavam incessantemente com as mãos. Não se sabia o que eram cuidados inúteis. Não tinham o menor pensamento sobre o bem nem sobre outras coisas temporais, e apenas conheciam-lhes os nomes; mas empregavam todo o ano considerando o NADA desta vida, que não é senão, uma passagem cheia de dores e misérias e meditando sobre coisas semelhantes. Uma coisa somente parecia-lhes importante e trabalhavam com todo o ardor para adquiri-la: estarem mortos para o século, ao qual havia renunciado quando deixaram o mundo e todas as coisas que dependiam dele. Vivendo assim, como se não vivessem mais, alimentavam o espírito com uma carne que não lhes faltava nunca, a Palavra de Deus, e o seu corpo com pão e água somente, a fim de terem mais motivo para esperar a misericórdia de seu Mestre. Como contou depois, Zósimo foi bastante edificado por esta maneira de viver, e excitava-se com os exemplos para avançar na perfeição, encontrando pessoas que trabalhavam tão poderosamente com ele para adquiri-la, e mostravam com tanta alegria um novo Paraíso na terra.

Poucos dias depois, chegou o tempo recomendado aos cristãos pela tradição da igreja, para celebrarem o santo jejum da Quaresma e para

purificarem as almas a fim de se tornarem dignos de verem os dias da morte e da ressurreição de nosso Salvador. Ora, estes Solitários faziam todas as suas funções sem serem jamais perturbados, pois não se abria nunca a porta principal da casa, devido ser este um lugar de solidão que não somente não era frequentado, como também não era conhecido pela maior parte dos vizinhos; e esta regra era observada desde o estabelecimento do mosteiro, o que me faz crer que foi por esta razão que Deus enviou Zósimo para lá.

Quero reportar aqui a ordem que observavam estes Solitários. No primeiro domingo de quaresma celebravam-se os divinos mistérios segundo o costume, e cada um recebia o corpo e sangue precioso de Nosso Senhor Jesus Cristo, que dá a vida aos homens. Em seguida, depois de terem comido um pouco como de hábito, eles se reuniam no Oratório, onde, tendo feito a oração de joelhos, davam-se uns aos outros o santo beijo, e ajoelhando-se, beijavam seu abade e pediam-lhe a bênção, a fim de serem assistidos por suas orações no combate que iriam empreender. Abriam-se em seguida todas as portas do mosteiro, e, cantando todos a uma só voz o Salmo: “O Senhor é a minha luz e a minha salvação, a quem temerei? O Senhor é a minha proteção, quem será capaz de me assustar?” eles saíam deixando um ou dois irmãos no mosteiro; não para guardarem o que lá ficava, pois não tinham nada que fosse bom para os ladrões, mas para não deixarem que o Oratório ficasse sem alguém que cantasse os louvores a Deus. Cada um levava consigo o que precisava para viver conforme suas necessidades; uns levavam figos, outros damascos, outros legumes molhados com água, e haviam os que não levavam nada, senão seus corpos e seus hábitos, comendo apenas ervas que crescem no deserto, quando pressionados pela fome. Cada um, era regra para si próprio e era uma lei inviolavelmente observada entre eles, não revelarem em que abstinência haviam vivido durante aquele tempo. Para isso passavam o Jordão e afastavam-se bastante uns dos outros; tinham a solidão por companhia. E, se viam ao longe vir em sua direção um irmão, desviavam-se de seu caminho e iam para outro lado, vivendo somente para Deus e sozinhos, cantando frequentemente os Salmos, e não comendo, senão em determinados momentos. Após haverem jejuado, voltavam ao mosteiro antes do dia da Gloriosa Ressurreição de Jesus Cristo nosso Salvador, que é a vida de nossas almas, e, no domingo em que a Santa Igreja celebra com ramos, eles estavam todos de volta. Cada um trazia de volta consigo o testemunho de sua própria consciência, sobre como havia trabalhado durante o retiro, e as sementes que havia lançado em sua alma, de maneira a torná-la forte e generosa para empreender novos trabalhos para o serviço de Deus; e não se perguntavam jamais uns aos outros, como já vos disse, como tinham vivido durante esse tempo de separação e de solidão.

Eis a regra daquela casa, observada perfeitamente, e a maneira pela qual cada um daqueles Solitários unia-se a Deus no deserto e combatia contra si mesmo, de maneira a tornar-se agradável a Deus somente, e não aos homens, sabendo que todas as coisas feitas por amor aos homens e com

o desejo de agradá-los, mais prejudicam do que servem, àqueles que as executam.

CAPÍTULO 3

Zósimo, tendo ido durante a quaresma para o deserto com os outros Solitários, percebe a figura de uma criatura humana, que fugia à sua presença, e segue-a até um lugar cortado por uma torrente...

Segundo o costume deste mosteiro, Zósimo passa o Jordão, levando somente seu hábito e alguma coisa para viver. Assim, ele observava a regra e atravessando aquela solidão, não comia senão quando a necessidade a isso o obrigava. Deitava-se na terra, onde o surpreendesse a noite, para repousar e dormir um pouco; e tão logo as primeiras luzes do dia apareciam, apressava-se a caminhar tendo continuamente no espírito; como contou mais tarde; o desejo de entrar mais adiante neste Deserto, com a esperança de aí encontrar algum bom pai, de quem pudesse aprender alguma coisa; e, sem cessar avançava ao acaso, como se estivesse em direção à alguém que lhe fosse conhecido. Depois de ter caminhado durante vinte dias, tendo chegada a hora das Sextas, parou um pouco, e voltando-se para o Oriente fez sua prece normal, pois havia se acostumado a parar em certas horas do dia e a cantar os Salmos de pé e a fazer ajoelhado as orações.

Quando então cantava os Salmos, e com olhar fixo mantinha os olhos elevados para o Céu, viu em sua mão direita algo como a sombra de um corpo humano, o que o encheu primeiramente de espanto e medo, por crer tratar-se de uma ilusão do diabo; mas tendo-se armado com o Sinal da Cruz e tendo perdido toda a apreensão e chegado ao fim das orações, viu, ao voltar os olhos, alguém que de fato andava na direção do Ocidente. Ora, aquilo que via era uma mulher, cujo corpo o ardor do sol havia tornado extremamente negro e cujos cabelos eram brancos como a lã, mas tão curtos que iam somente até o pescoço.

Vendo isto, que acabo de relatar, e regozijando-se na esperança de receber o consolo que esperava, Zósimo correu com todas as suas forças ao lugar, onde aquilo que lhe aparecia apressava-se em ir, pois sua alegria era muito grande; porque durante todo o tempo que havia caminhado no deserto, não havia visto nenhuma forma nem de homem, nem de bestas selvagens, nem de pássaros, nem de quaisquer animais, o que aumentava seu desejo de saber o que é que lhe aparecia; esperando tirar grande lucro disso. Ela porém, vendo Zósimo segui-la, fugiu em direção ao fundo do deserto. Esquecendo a fraqueza de sua idade e não considerando o trabalho que lhe daria o caminho, ele correu em grande velocidade, pelo desejo que tinha de ver mais perto, aquilo que fugia dele; e assim correndo mais veloz que ela, aproximava-se cada vez mais.

Quando ele estava a uma distância que ela poderia ouvir a sua voz, ele gritou-lhe chorando: “Serve de Deus, por que fugis deste pecador e pobre velho? Quem quer que sejais, conjuro-vos pelo Deus, pelo amor de quem

passais vossa vida nesta horrível solidão, a suportar-me; conjuro-vos pela esperança que tendes de ser um dia recompensada de tantos trabalhos. Parai e não recuseis a nossa bênção e nossas orações, àquele que vô-las pede em nome de Deus, que jamais rejeitou ninguém.” Zósimo misturando assim suas conjurações às suas lágrimas, chegaram ambos correndo a certo lugar, onde as águas de uma torrente haviam cruzado, e então aquilo que fugia, desceu e subiu em seguida de outro lado. Zósimo continuava gritando e não podendo passar além, permaneceu aquém da torrente que estava seca, e redobrou de tal maneira seus lamentos e suspiros que se podia escutá-los ainda muito longe.

CAPÍTULO 4

Aquilo que fugia diante de Zósimo para, após ter atravessado a torrente, e diz-lhe que é uma mulher. Passam muito tempo a pedir a bênção um ao outro, e depois em oração Zósimo a vê suspensa no ar.

Então aquela pessoa que fugia disse-lhe: “Abade Zósimo, peço-vos em nome de Deus perdoar-me, por não me voltar para falar convosco, pois sou uma mulher e como podeis ver estou nua; mas, se desejais assistir com vossas orações uma pobre pecadora, lançai-me vossa capa para que eu me cubra e possa assim voltar-me para vós e receber a vossa bênção.” Zósimo ficou tomado de um maravilhoso espanto misturado com temor e sentindo-se transportado para fora de si mesmo ao ouvir estas palavras, pois, sendo um homem excelente e que a graça de Deus havia dotado de muita prudência, julgou que aquela mulher não o tendo jamais visto ou ouvido falar dele, não o tivesse chamado por seu nome, sem uma graça particular de Deus. Executou prontamente o que ela havia ordenado, e após haver desabotoado sua capa lançou-a, virando-se de costas. Tendo-a recebido, ela cobriu-se a maior parte do corpo, e assim envolvida voltou-se para Zósimo e lhe disse: “Meu pai, que desígnio trouxe-vos a ver uma pecadora, e o que desejais saber e aprender de mim, para não temer tanto trabalho, quanto tivestes que sofrer para vir até aqui?”

Prostrando-se por terra Zósimo pediu-lhe a bênção, como é costume fazer, e ela, prostrando-se por sua vez, pediu-lhe a sua também.

Permaneceram muito tempo assim e por fim ela lhe disse: “Meu pai, cabe a vós dar-me a bênção e fazer a oração, visto que sois honrado pelo presbiterado, e que há tantos anos servindo ao Santo Altar, penetrais pela graça e pela luz que Deus vos dá, nos segredos e mistérios de Jesus Cristo.” Estas palavras aumentaram o temor e a emoção de Zósimo e via-se tremer esse santo ancião e correr o suor em grandes gotas pelo seu rosto. Assim, não tendo mais forças e como se estivesse prestes a dar o último suspiro, ele lhe disse: “Ó mãe espiritual, te conheço o bastante pelo pouco que vi, pois estais toda com Deus e que quase não vives mais na terra; e posso crer que Ele vos concedeu dons muito extraordinários; pois, sem terdes jamais me visto, chamastes-me pelo meu nome; mas visto que na dignidade das funções onde

se é chamado, não acontece que tenhamos uma graça igual ao cargo que temos de exercer, e que esta graça se conhece principalmente pelos efeitos maravilhosos que produz nas almas, abençoai-me pelo amor de Deus, e assisti-me com vossas orações, a fim de tornar-me um digno de imitar a vossa virtude.”

Então, compadecendo-se da teimosia do santo ancião, ela diz: “Bendito seja o Senhor que opera a salvação das almas.” Ao que Zósimo respondeu: “Assim seja” e levantaram-se os dois e ela disse-lhe: “Quem, então, vos trouxe até uma pecadora como eu? De todo o modo, já que o Espírito Santo vos conduziu até aqui por Sua graça, a fim de prestar-me alguma assistência à minha fraqueza, digei-me, suplico-vos, de que maneira se conduzem os cristãos hoje; de que maneira agem os imperadores; e de que maneira o rebanho de Jesus Cristo é agora governado na Santa Igreja?” Zósimo respondeu: “Minha mãe, Deus concedeu às vossas santas orações uma paz, concedida aos fiéis. E não recuseis, suplico-vos em Seu nome, a um bastante indigno Solitário; o consolo que vos peço pelo amor de Jesus Cristo por todo mundo, e particularmente para este pobre pecador, a fim de que, não tenha feito inutilmente um tão longo e laborioso caminho através desta vasta solidão.” Ela respondeu-lhe: “Meu pai, já vos disse que cabe a vós honrado com o Sacerdócio, orar a todo mundo e por mim também, visto ser uma das funções, às quais a vossa vocação vos obriga; visto que a obediência é uma das coisas que nos são mais recomendadas, farei de bom grado aquilo que me ordenares.”

Concluindo estas palavras, ela se voltou para o oriente e elevando os olhos ao céu e estendendo as mãos, começou a rezar, mexendo somente os lábios e sem que se pudesse ouvir sequer uma de suas palavras. Como mais tarde relatou, Zósimo ficou bastante espantado e, sem dizer nada, baixou o olhar contra a terra, depois vendo que ela continuava longamente em oração, levantou os olhos e viu que ela se elevava um côvado da terra e que orava assim suspensa no ar; aquilo que tinha Deus por testemunho era muito verdadeiro. Então sentiu-se repleto de uma tão extrema apreensão, empapado de suor jogou-se no chão, sem ousar partir e dizia somente consigo: “Senhor, tem piedade de mim.”

CAPÍTULO 5

Vendo Zósimo aquela mulher suspensa no ar, temeu tratar-se de um demônio. Então ela lhe diz qual havia sido o pensamento dele e ele a conjura, em seguida, a contar-lhe toda a história de sua vida.

Como ele estava neste estado, veio-lhe uma tentação, de que talvez fosse algum espírito maligno fingindo rezar. Então, a mulher voltando-se para ele e reanimando-o, disse-lhe: “Porque, meu pai, vossos pensamentos vos levam a escandalizar-vos a propósito de mim, fazendo-vos crer que não sou senão um espírito e que minha oração não é senão fingimento? Não duvideis de que sou uma mulher e uma pobre pecadora; mas tal como sou,

recebi o Batismo, e bem distante de ser um espírito não sou senão pó e cinza, senão carne, e não tenho ao menos espírito para conceber as coisas espirituais.” Concluindo estas palavras ela fez o Sinal da Cruz sobre a sua frente, sobre os seus olhos, sobre os seus lábios e sobre o seu estômago, e acrescentou: “Meu pai, Deus nos livra se quiser do demônio, e de tudo o que vem dele, que de nós tem sem dúvida, muita inveja.”

A estas palavras o ancião prostrou-se a seus pés e disse-lhe chorando: “Conjuro-vos por Nosso Senhor Jesus Cristo, nosso verdadeiro Mestre, que por nossa salvação dignou-se nascer da uma Virgem e pelo amor de quem estais revestida desta nudez e fizeste sacrifício de vosso corpo para Lhe serdes agradável, não escondais nada, suplico-vos, ao vosso servo, mas dizei-me quem sois, de onde vinde, quando e por que razão viestes para esta solidão, e de maneira geral, sobre todas as coisas que vos dizem respeito; a fim de que, eu conheça assim a grandeza das obras de Deus, pois que benefício pode trazer um tesouro escondido e uma ciência não declarada, assim como diziam as Escrituras? Dizei-me, então, sem escrúpulos, todas as coisas pelo amor de Deus, pois não será por vaidade, mas para satisfazer este pobre pecador ainda que ele seja indigno disso. E tomo como testemunha o mesmo Deus para quem vivas somente, e com quem conversais continuamente, e não creio ter sido trazido para esta solidão, senão pelo desejo Dele de tornar manifesto, tudo o que se passou convosco, visto que não está em nosso poder resistir às Suas vontades, e que se nosso Senhor Jesus Cristo não tivesse desejado fazer-vos conhecer e fazer saber os combates que empreendestes em Seu serviço, Ele não teria jamais permitindo que alguém vos tivesse visto, e na fraqueza em que me encontrava que mal me permitia sair de minha cela, Ele não me teria dado forças para fazer com tanta diligência um tão longo caminho.”

Falando assim e acrescentando várias coisas semelhantes, aquela mulher disse-lhe: “Perdoai-me, meu pai, se morro de vergonha de vos deixar ouvir qual foi a infâmia de minhas ações. Entretanto como vistes que eu estava nua, descobri-las-ei também completamente, para que conheçais a força com que as minhas impurezas encheram a minha alma de confusão e vergonha. E estou longe, como dissestes, de querer contar, por algum sentimento de vaidade as coisas que me concernem; pois de que me poderia glorificar tendo sido um vaso de eleição não de Deus, mas do diabo? E estou certa de que assim que começar a vos fazer ouvir toda a história de minha vida, vós fugireis de mim como de diante da serpente e vossos ouvidos não quererão escutar os inúmeros crimes que cometi. Contudo contá-los-ei com verdade e sem nada disfarçar, após vos ter suplicado não interromper nunca as orações por mim, a fim de que me torne digna da misericórdia de Deus e que eu a receba no dia do julgamento.” O ancião, com estas palavras, derramou muitas lágrimas e ela começou então, a sua narrativa.

CAPÍTULO 6

Santa Maria do Egito começa a contar a Zósimo a história de sua vida e diz-lhe como ela passou 17 anos inteiros em horríveis crimes; e como foi a Jerusalém para ver a cerimônia da Exaltação da Santa Cruz.

Meu pai, meu país é o Egito. Estando meu pai e minha mãe ainda vivos, parti com 12 anos contra a vontade deles para Alexandria, onde não consigo pensar sem enrubescer que perdi primeiramente a honra e deixei-me levar pelo desejo contínuo e insaciável da volúpia infame e criminosa. Precisaria de muito tempo para dizer tudo em pormenores, mas dir-vos-ei tudo o mais breve que puder e tanto quanto seja necessário, para vos fazer saber, como era o ardor excessivo que me consumia no pecado. Permaneci publicamente durante mais de 17 anos neste abrasamento funesto, e não foi absolutamente por causa de presentes, que deixei de ser virgem, pois recusava tudo o que me ofereciam; o furor que me agitava e que me levava a um tamanho excesso, fazia-me julgar que haveria muito mais urgência, quando eu não desejava absolutamente outra recompensa pelo pecado, senão o próprio pecado. Mas, não vos espanteis por eu me preocupar tão pouco com o dinheiro, visto que, eu queria viver de esmola ou daquilo que roubava, tanto que, como já vos disse, eu não tinha outra paixão senão mergulhar continuamente na lama das minhas impudências. Esta era a única coisa que me agradava e acreditava que era verdadeiramente viver, o abusar assim incessantemente do corpo que Deus me dera.

Como vivia ao acaso, vi um certo dia de verão um grande número de egípcios e líbios que corriam na direção do mar. Tendo perguntado ao primeiro que encontrei: “Para onde correm eles com tanta pressa!” Ele respondeu-me: “Vão para Jerusalém para a Exaltação da Santa Cruz, que como de costume deve ser celebrada dentro de alguns dias.” “Crês,” perguntei-lhe, “que eles me aceitariam se eu quisesse ir com eles?” “Isto é simples,” respondeu-me, “se tivesses os meios de pagar a passagem.” “Com certeza,” repliquei, “não tenho com que pagar a passagem, nem como pagar as minhas despesas, mas não deixarei de ir, subirei no navio que eles alugaram e se recusarem a me receber, dar-me-ei eu mesma como dinheiro, e tendo desta forma meu corpo em seu poder, me receberão como pagamento. Ora, o que me fazia desejar ir com eles; perdoai-me meu pai o que ousou dizer; era ter muitos cúmplices para o meu furor.

Disse-vos bastante meu pai, sofri, suplico-vos, e ficarei por aqui; não me obrigueis a continuar a relatar aquilo que me cobre de tão estranha confusão. Pois Deus sabe que eu não poderia falar disso sem tremer, e parece-me que todas as minhas palavras são como manchas, que sujaram a pureza do ar onde ecoam.” Zósimo respondeu-lhe, regando com suas lágrimas a terra: “Em nome de Deus, minha mãe, continuai e não omitais nada de uma tão difícil narrativa.” Ela continuou então:

“Aquele jovem foi-se indo com a resposta que eu lhe havia dado, e eu, jogando fora o fuso que trazia na mão e do qual de tempos em tempos servia-me para viver, corri na direção do mar como os outros, e vi em pé na margem nove ou dez jovens cujos rostos e porte agradaram demasiadamente à minha paixão desregrada. Haviam outros também que já tinham subido ao barco, e jogando-me no meio deles despudoradamente como de costume, disse-lhes: recebei-me convosco nesta viagem, e não serei cruel demais convosco. Ao que acrescentando outras palavras mais livres e piores que estas, fi-los rir a todos. Aquelas pessoas percebendo o meu descaramento, pegaram-me e levaram-me num pequeno barco e então começamos nossa navegação.

Ó servo de Deus, como poderia eu contar-vos o que aconteceu em seguida? Que língua pode proferir e que ouvidos escutar, aquilo que se passou naquele pequeno barco durante o caminho, e de que maneira eu incitava ao pecado, aqueles miseráveis que não queriam cometê-lo? Não há palavras que possam representar a imagem detestável, dos crimes em que eu me mostrava tão sábia, e que fiz, com que aqueles pobres miseráveis cometessem. Contentai-vos portanto, meu pai, com que vos diga que não me espantaria, que o mar pudesse sofrer pelas minhas iniquidades e que a terra se abrisse, para me fazer descer viva ao inferno, eu que fazia caírem tantas almas nas redes da morte. Mas Deus, que não deseja a perda de ninguém e que quer que todos sejam salvos, pedia com certeza que eu fizesse penitência; pois Ele não quer a morte do pecador, mas espera a sua conversão com paciência ímpar.

Fomos assim para Jerusalém e empreguei todos os dias que aí permaneci antes da festa, em ações tão detestáveis quanto as anteriores, e ainda piores, pois não me contentando com o mal que fazia no mar com aqueles jovens, fiz ainda perderem-se muitos outros, tanto da cidade quanto os de fora, aos quais eu solicitava tomarem parte de minhas impudências.

CAPÍTULO 7

Continuação da narrativa da Santa, contendo a sua conversão milagrosa, acontecida no dia da Festa da Exaltação da Santa Cruz e, como ela foi à Igreja de São João Batista onde comungou.

Quando chegou a festa gloriosa da Exaltação da Cruz de Nosso Senhor, eu prosseguia como antes no desejo de perder as almas dos jovens e, tão logo o dia começou a despontar, vendo que todos corriam para a igreja, corri também como os outros, e fui com eles à praça que ficava diante do Templo. Na hora da cerimônia, esforçava-me para avançar. Enfim, com extrema dificuldade cheguei à porta da igreja, mas quando quis entrar como faziam todos os outros sem nenhuma dificuldade, era impedida por um poder divino que me repelia para fora, e assim miserável que estava, encontrei-me sozinha naquela praça diante da igreja. Imaginando que isso provinha de minha fraqueza, lancei-me de novo entre aqueles que acabavam de chegar, e

esforçando-me com todo o meu poder para entrar com eles, trabalhava sempre inutilmente.

Tão logo eu tocava a soleira da porta, pela qual todos os outros entravam sem dificuldade, eu era a única rejeitada; e como se houvesse uma multidão de soldados que tivessem ordem de fechar-me a entrada da igreja, eu sentia de repente um poder escondido que fazia o mesmo efeito, e de novo encontrava-me na praça como antes.

Tendo acontecido assim três ou quatro vezes, e vendo que todos os meus esforços eram inúteis, desesperava-me para poder entrar, e não tendo mais quase força para sustentar-me, tanto que meu corpo havia sido imprensado, retirei-me para um canto daquela praça, onde comecei enfim a considerar, qual poderia ser a causa, que me impedia de ver aquele santo madeiro, sobre o qual um Deus morreu para dar a vida aos homens; e um pensamento salutar tendo-me sacudido o espírito e aberto os olhos de minha alma, julguei que a abominação de minha vida, era o que me fechava a entrada do templo. Então, inundada de lágrimas e bastante perturbada, dei socos no estômago, dei grandes suspiros do mais profundo do coração, e misturando meus gritos com soluços, percebi acima de mim uma imagem da Santa Mãe de Deus.

Dirigindo-me logo a ela e olhando-a fixamente eu disse-lhe: “Santa Virgem, que concebeste segundo a carne um Deus todo poderoso, sei que não parece que, estando eu imunda como estou por causa de tantos crimes, eu ousaria adorar a vossa imagem e lançar os olhos sobre vós, que sois uma Virgem muito pura e cuja alma assim como o corpo estão isentos de toda mancha; mas que ao contrário, é bastante justo que vossa incomparável pureza tenha horror de uma pessoa tão abominável quanto eu. Entretanto, já que aprendi que este Deus a quem foste digna de carregar em vosso seio, fez-Se homem para chamar os pecadores à penitência, suplico-vos que me assistais no abandono de socorro em que estou. Recebei a confissão que vos faço de meus enormes pecados, e permiti-me entrar na igreja, a fim de que não seja tão infeliz, por ser privada da visão do madeiro precioso onde Deus-homem, que concebeste permanecendo virgem, foi pregado e derramou Seu sangue pela minha salvação. Ordenai, Rainha do Céu, ainda que eu seja indigna, que a porta me seja aberta para adorar a Divina Cruz, e dou-vos por caução o mesmo Jesus Cristo que deste ao mundo; que não me aconteça jamais no futuro cair nas detestáveis impurezas com a qual sujei meu corpo; corpo este, que deveria ter cuidado para conservá-lo casto, e tão logo tenha visto o santo madeiro onde vosso filho quis sofrer por nós, renunciarei ao mundo e a todas as coisas que vem dele, e partirei na mesma hora para ir ao lugar que vos aprouver levar-me, ó Virgem Santa, como minha caução e meu guia.”

Tendo concluído estas palavras e o ardor da fé, que já começava a sentir no coração dando-me algum consolo, e fazendo-me ter confiança na bondade tão terna e tão caridosa da Mãe de Deus, parti do lugar onde havia

feito a minha oração, e misturando-me àqueles que iam à igreja, não encontrei mais nada que me repelisse nem que impedisse a minha entrada. Então, fui tomada por um tremor como transportada fora de mim; todas as coisas espantavam-me, e os obstáculos que antes encontrei haviam cessados, e aquele poder secreto que me repelia, parecia agora facilitar-me a entrada; cheguei sem nenhuma dificuldade até o coração da igreja, onde recebi a graça de adorar o precioso madeiro da Cruz gloriosa, que dá a vida aos homens.

Conhecendo assim, o incompreensível excesso da misericórdia de Deus, e como Ele está sempre pronto para receber os pecadores na penitência, joguei-me na terra e após haver beijado o santo chão da igreja, sai e corri para Aquela que havia me respondido. Tendo chegado ao lugar onde minha promessa estava escrita, ajoelhei-me diante da imagem da Santa Virgem e dirigi-Lhe a minha oração desta maneira: “Muito misericordiosa Mãe de Deus, fizestes-me ver os efeitos da vossa incomparável bondade, visto que não rejeitastes minha humilde súplica ainda que indigna de ser ouvida. Vi a glória que os maus são justamente privados de ver, a glória de Deus todo poderoso, que por vossa intercessão recebe a penitência dos pecadores. Mas, miserável que sou, que necessidade há de lembrar-me e de falar mais sobre meus crimes? É tempo, Virgem Sagrada, de realizar com vossa assistência aquilo que vos prometi. Envia-me então, onde vos aprouver, sede meu guia no caminho da minha salvação; instrui-me na verdade; e mostrai-me a via que conduz à penitência.” Falando assim, ouvi uma voz como de alguém que me chamava de muito longe: “Se passares o Jordão, encontrarás um feliz repouso.” Escutando estas palavras e acreditando que eram ditas para mim, gritei chorando e olhando a imagem da Virgem: “Rainha do Universo, por quem a salvação chegou aos homens, não me abandoneis, suplico-vos.” Depois destas palavras saí daquele lugar e fui-me com grande pressa. Alguém que me viu, deu-me três peças de dinheiro e disse-me: “Recebei isto.” Tomando-as comprei três pães para a viagem que ia empreender com a graça de Deus, e tendo pedido ao padeiro o caminho do Jordão, soube por ele, por qual porta da cidade deveria sair, e fui-me então correndo e chorando.

Empreguei assim o resto do dia fazendo sem cessar, reflexões sobre mim mesma. Ora, era por volta da terceira hora do dia, quando tive a felicidade de ver a Santa e Preciosa Cruz de Nosso Salvador; e o sol estando prestes a se pôr, percebi a Igreja de São João Batista, que se assentava ao longo do Jordão. Fui logo para o rio e lavei as mãos e o rosto com aquela água santa, e voltei para a sua igreja onde recebi o precioso Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, que dá a vida às almas. Depois, tendo comido a metade de um dos meus pães e bebida a água do rio, descansei a noite na terra.

CAPÍTULO 8

Continuação da narrativa da Santa, contendo a maneira pela qual ela cruzou o Jordão para ir ao deserto, onde permaneceu 47 anos. E de que modo viveu durante este tempo.

Tendo chegado a alvorada, passei para o outro lado do Jordão e lá pedia ainda à Santa Virgem como meu guia, que me conduzisse ao lugar que lhe agradasse; e cheguei assim nesta solidão onde desde aquele tempo até hoje afasto-me cada vez mais, o quanto posso, evitando o encontro com quem quer que seja, e esperando a vinda do meu Deus, que salva os pequenos e os grandes que a Ele se convertem.”

Então Zósimo lhe disse: “Minha mãe, há quantos anos estais nesta solidão!” Ela respondeu: “Segundo os cálculos que fiz, há 47 anos saí da Cidade Santa.” “E o que encontrastes desde então e o que podeis encontrar ainda todos os dias,” retorquiu Zósimo, “com que vos possais alimentar?” Ela replicou: “Quando cruzei o Jordão, tinha ainda dois pães e meio, que logo ressecaram e ficaram duros como pedras, e durante alguns anos comia um pouco de cada vez”: Zósimo lhe disse: “Pudestes passar assim tanto tempo sem sofrer muitas penas e sentir muitas perturbações em vosso espírito, por tão grande mudança?”

“Fazeis uma pergunta,” disse ela, “à qual não saberia responder, sem tremer pela lembrança de tantos perigos, que pela minha maldade fizeram agitar demais a minha alma; pois temo que relatando-os, eles me inquietem ainda.” “Dize-me, eu vos suplico, minha mãe”, respondeu-lhe Zósimo, “sem esquecer coisa alguma, pois tendo Deus querido que vós me conhecêsseis, não deveis esconder-me nada.”

Então ela retomou a palavra: “É verdade, meu pai, que passei 17 anos combatendo sempre contra desejos violentos, importunos e despropositados quando começava a comer; pois desejava carne, lamentava os peixes do Egito, e desejava muito vinho, do qual gostava tanto e que no mundo bebia em excesso ao ponto de perder a razão; no lugar onde me encontrava, então, sem haver uma gota d’água somente, o que acendia em minhas veias uma sede tão ardente, que me reduzia à extremidade. Também morria de vontade de cantar aquelas canções dissolutas, que são canções do diabo, que havia aprendido pela vida, e que voltando à memória enchiam meu espírito de perturbação; mas, de repente, começando a chorar e batendo-me no estômago, representava-me a promessa tão solene que havia feito, ao vir para esta solidão e em espírito punha-me diante da imagem da Santa Mãe de Deus que me tinha sob sua proteção, suplicava-lhe em lágrimas que afastasse de mim estes pensamentos que tanto afligiam a minha alma. Muito cheia de dor, depois de ter chorado extremamente e mortificando-me com golpes, via depois uma luz e meu espírito voltava à calma.”

“Perdoai-me, meu pai, se não vos posso contar em detalhes todos os pensamentos, que me agitavam ainda por levarem-me no desejo do pecado. Sentia-me queimar com um ardor infeliz, que me arrastava, como à força, no desejo de cometê-lo; mas quando estas tentações me perseguiram, prostrava-me contra a terra, regava-a com minhas lágrimas e acreditando ver verdadeiramente diante de meus olhos, Aquela que havia respondido por mim, parecia-me que ela me reprovava com ameaças o excesso de fúria que

me agitava e que, cheia de cólera, me fazia ver quais seriam os castigos assustadores pela minha horrível infidelidade; e não me levantava nunca, senão depois que aquela luz tão doce e tão favorável me houvesse iluminado como antes e banido estas perturbações de meu espírito. Era assim que eu elevava incessantemente o meu coração para aquela Santa Virgem, que carregava em Seu seio o Autor da castidade, e que eu havia tomado como minha caução para com Deus, suplicando a Ela que me assistisse naquela solidão e em minha penitência; ao que Ela jamais faltou.”

“Eis aí meu pai, como passei estes 17 anos em um combate perpétuo, contra tantas tentações e perigos. E, desde então, esta feliz Mãe de Deus que é todo o meu recurso e todo o meu auxílio nunca me abandonou, e serviu-me de guia em geral em todas as coisas.”

Então Zósimo disse-lhe: “De que vos alimentastes e vestistes?” Ela respondeu: “Aqueles pães como, vos disse duraram 17 anos; e depois disto vivi das ervas que encontrei no deserto. Quanto às roupas, as que tinha quando cruzei o Jordão tendo-se estragado completamente, sofri muitas penas; o ardor excessivo do verão queimando-me e os frios insuportáveis do inverno reduzindo-me a um tal estado, que traspassada e tremendo, caía frequentemente no chão e permanecia como morta sem poder me mexer, combatendo assim, contra tantas necessidades e tentações diversas. Mas, no meio destas penas, o poder de Deus, de mil diferentes maneiras, conservou até hoje o meu corpo e a minha alma; e repassando em meu espírito de que males o Senhor me livrou, alimento-me de uma carne que não me falta jamais, e estou saciada pela esperança que tenho de minha salvação. A palavra de Deus que contém todas as coisas, serve-me também de alimento e de abrigo. Pois o homem não vive do pão somente. E quando àqueles que são despojados dos afetos do pecado, faltam vestes, encontram rochedos que os cubram.”

Capítulo 9

Conclusão do discurso da Santa e de Zósimo, a quem ela obriga a vir trazer-lhe em um ano, a Santa Eucaristia; e depois separar-se dele.

Zósimo, vendo que ela citava passagens das Santas Escrituras, tiradas dos livros de Moisés, de Jó, e dos Salmos, disse-lhe: “Minha mãe, aprendestes os Salmos e lestes outros livros das Sagradas Escrituras?” Ela respondeu sorrindo: “Asseguro-vos, que desde que passei o Jordão para vir a este deserto, não vi outro homem do mundo senão a vós, nem encontrei nenhuma besta selvagem, nem nenhum outro animal. Também não aprendi, nem nunca escutei alguém que cantasse os Salmos ou os lesse; mas a palavra de Deus que é viva e eficaz, penetrando fundo no espírito humano, o instrui e ensina-lhe de maneira bastante particular. Agora, tendo acabado de prestar-vos conta daquilo que me concerne, conjuro-vos pela Encarnação do Verbo Eterno, que oreis por mim, pois sabeis que tenho cometido muitos crimes.”

A estas palavras, o ancião pôs-se de joelhos e prostrou-se contra a terra dizendo em voz alta: “Bendito seja o Senhor, que sozinho, faz maravilhas

inumeráveis, tão grandes, tão admiráveis e tão gloriosas, que enchem o espírito de espanto. Bendito sede vós, meu Deus, que me fizestes ver hoje quais são os favores, com os quais cumularás aqueles que vos temem. Ó Senhor, é bem verdade que não abandonais nunca as pessoas que vos procuram.” A Santa tomando-o pela mão não lhe permitiu continuar por mais tempo contra a terra, e disse, levantando-o: “Conjuro-vos por Jesus Cristo nosso Salvador não contar a quem quer que seja, as coisas que vos disse, até que Deus me tenha libertado da prisão de meu corpo; conservai sob o selo do segredo, e com a graça de Deus rever-me-eis ainda no ano que vem, na mesma época em que estamos. Peço-vos também em Seu nome para faltar com aquilo que vos pedi, que na próxima Quaresma não passeis o Jordão segundo o costume do mosteiro onde estais.” Zósimo assombrado de ver que ela sabia deste costume e que ela falava disso como uma pessoa informada a este respeito, clamava sem cessar: “Glória seja dada a Deus, que concede àqueles que o amam, muito mais do que eles Lhe pediram.”

Ela continuou assim: “Meu pai, não saiais, suplico-vos, durante este tempo do mosteiro, de onde, quando quiserdes não estará em vosso poder sair, e na noite da Santíssima Ceia de Nosso Senhor, trouxe-me num vaso sagrado e digno de tão grande mistério, o divino corpo e sangue vivificante de nosso Salvador e esperai-me do lado do Jordão, que encontra os países habitados pelas gentes do mundo, a fim de que quando eu chegar, receba estes ricos presentes que dão a vida aos fiéis. Pois, desde que comunguei na igreja do bem-aventurado Precursor antes de passar o Jordão, nunca mais recebi este Santíssimo alimento; o que me faz conjurar-vos com tanta insistência a que não recuseis meu pedido, mas trouxe-me, peço-vos, o Divino Sacramento que é a vida de nossas almas; à mesma hora que Nosso Senhor criando-Os com Seus discípulos, tornou-os partícipes. Dizei a João, abade do mosteiro onde permaneceis, que vele por si mesmo e por seu rebanho, porque passam-se coisas lá, que precisam de correção. Entretanto não desejo que lhe deis este aviso presentemente, mas quando Deus vô-lo ordenar.”

Tendo acabado de proferir estas palavras e pedido a bênção do santo ancião, foi-se rapidamente para o fundo do deserto.

CAPÍTULO 10

Tendo passado um ano, Zósimo levou a Santa Eucaristia à Santa Maria do Egito, e ela comungou. Depois, ela pediu-lhe para voltar no ano seguinte ao mesmo lugar, onde ela pela primeira vez tinha falado com ele.

Zósimo jogando-se no chão beijou o rastro dos passos da Santa, e depois voltou glorificando a Deus e prestando-Lhe infinitas ações de graça. Passando pelo mesmo caminho que havia feito no deserto, ele voltou ao mosteiro no mesmo tempo que os outros, e permaneceu todo o ano seguinte no silêncio, não ousando falar daquilo que havia visto; mas orava a Deus que lhe permitisse ver ainda aquela pessoa, por quem tinha tanto respeito e tanta

admiração, e o tempo custava tanto a passar, que ele suspirava pensando no quanto este ano era longo.

Quando chegou a época do Santo Jejum e os outros Solitários depois da oração costumeira, saíram no primeiro Domingo da Quaresma cantando os Salmos, ele foi impossibilitado de ir, por uma febre que o obrigou a permanecer no mosteiro. Então lembrou-se do que a Santa lhe havia dito, que mesmo que quisesse, ele não poderia sair de lá, e alguns dias mais tarde foi aliviado de sua indisposição. Voltando os Solitários, ele realizou o que lhe havia sido ordenado, colocando em um pequeno cálice o Corpo e Precioso Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo e levou também dentro de uma cesta de vime alguns figos, damascos e lentilhas embebidos em água. Depois chegando a noite, sentou-se à beira do Jordão para esperar a Santa, não se deixando adormecer, pois que ela tardava a chegar; mas olhava atentamente para o lado do deserto à espera do que desejava tanto ver, e dizia: “Não teria ela vindo, e não tendo-me encontrado, teria retornado, então?” Acompanhava suas palavras com lágrimas, e erguendo os olhos para o céu com ardor, fazia esta oração: “Meu Deus, não me recuseis ver ainda aquela que já me concedestes o favor de vê-la; mas temo, que os meus pecados me tornem indigno de receber esta graça.”

Assim orando e chorando, ocorreu-lhe um outro pensamento, e dizia consigo: “Mas se ela vier, o que fará? Como passará o Jordão para vir a mim pobre pecador, já que não há aqui nenhum barco? Ai! Infeliz que sou, quem me terá feito perder a felicidade, que eu tinha tanto motivo para esperar?” Estando o ancião assim, a Santa chegou e ficou do outro lado do rio. Zósimo, ao vê-la, levantou-se, e transportado pela alegria dava graças a Deus. Mas como ele estava sempre em extrema inquietação de como ela poderia passar o Jordão, ele a viu fazer o Sinal da Cruz sobre o rio (pois a lua estava então cheia e seus raios tornavam a noite extremamente clara) e em seguida caminhar sobre as águas como se estivesse em terra firme, o que o espantou de tal maneira que quis ajoelhar-se, mas ela impediu-o gritando: “Que fazeis, meu pai? Não vos lembrais de que sois padre de Deus e que leveis os Divinos Mistérios?” Ele obedeceu a estas palavras, e ela, após ter passado o rio, disse-lhe: “Meu pai, dai-me a vossa bênção.” Ao que ele respondeu ainda sob a impressão extrema que lhe havia causado tamanho milagre: “Em verdade Deus é bastante fiel, quando promete tornar semelhante a Ele, aqueles que se purificam com tanto zelo pelo Seu amor. Meu Deus e meu Mestre, sede glorificado para sempre, por aquilo que me fizestes ver na pessoa de vossa serva, o quanto estou longe da verdadeira perfeição.” Ela pediu-lhe em seguida que recitasse o Símbolo e comesse a Oração Dominical. Quando terminou, segundo o costume, a Santa deu ao ancião o beijo da paz e depois recebendo o Santíssimo Sacramento estendeu as mãos para o Céu, e misturando seus suspiros às suas lágrimas, proferiu em voz alta: “Senhor, permiti agora à vossa serva, segundo a vossa Divina Palavra, partir em paz, pois meus olhos viram o meu Salvador,” e voltando-se para o ancião disse-lhe: “Perdoai-me, meu pai, o mal que vos causei, e concedei-me ainda este

outro pedido: voltai agora sob a condução de Deus para vosso mosteiro, e quando o tempo estiver terminado, ide à torrente, onde vos falei pela primeira vez; mas, em nome de Deus, não falteis, e ver-me-eis então da forma que Ele quiser.” O ancião respondeu-lhe: “Aprove a Deus que estivesse em meu poder seguir-vos e gozar da felicidade da vossa presença. Mas, suplico-vos, minha mãe, não recuseis um pequeno pedido que tenho para vos fazer: que queirais comer alguma coisa, daquilo que vos trouxe.” Então ela tomou somente 3 grãos de lentilha, os colocou na boca dizendo, que a graça do Espírito Santo era suficiente para conservar a alma na pureza, e acrescentou dirigindo-se ao ancião: “Rogo-vos, meu pai, em nome de Deus, orai por mim e não esqueçais nunca as minhas misérias.” Zósimo beijando seus pés santos, conjurou-a a rezar pela Igreja, pelo Império e por ele. E chorando e suspirando, deixou-a partir, pois não ousava retê-la mais e mesmo que quisesse não teria conseguido.

CAPÍTULO 11

Zósimo indo ao lugar onde a Santa lhe havia indicado, encontra-a morta e a enterra. Conclusão de todo este discurso

A Santa fez ainda o Sinal da Cruz sobre o Jordão e depois caminhando sobre as águas, atravessou-o da mesma forma que havia feito ao vir, e Zósimo voltou cheio de alegria e espanto, e com pena, por não lhe ter perguntado seu nome. Mas esperava consertar este erro no ano seguinte. E quando este ano foi concluído e os costumes ordinários do mosteiro tendo sido observados, ele voltou ao deserto que está para além do Jordão, e caminhava com muita pressa pelo desejo de gozar da felicidade de rever aquela gloriosa Santa. Mas, avançando naquela imensa solidão, e olhando e procurando de todos os lados encontrar alguma marca, que o conduzisse ao lugar onde desejava com tanto ardor chegar; como fazem os caçadores para encontrar os animais que querem caçar; enfim não vendo nenhum vestígio, encharcou de lágrimas o seu rosto e disse erguendo os olhos para o céu: “Muito humildemente eu vos suplico, meu Deus, ver este Anjo em corpo mortal, ao qual o mundo inteiro não é digno de ser comparado.”

Tendo terminado esta oração, chegou à torrente; e como todo o alto deste lugar, estava iluminado pelos raios do sol, ele percebeu na terra o corpo morto da Santa, cujo rosto estava voltado para o oriente e as mãos cruzadas. Correu logo para lá, lavou seus pés com suas lágrimas sem ousar tocar nenhuma parte de seu corpo. Tendo em seguida cantado os Salmos e recitado as orações costumeiras em ocasiões semelhantes, disse consigo: “É possível que a Santa não se agradasse daquilo que faço.” Como estava nestes pensamentos, viu estas palavras escritas na terra: “Meu pai Zósimo, enterrai o corpo da miserável Maria, devolvi a terra o que é da terra, pó ao pó. Em nome de Deus, orai por mim, neste décimo dia de Abril, na véspera da Paixão de Jesus Cristo Nosso Salvador e após ter sido tornada partícipe de Seu Santíssimo e Divino Corpo.”

Tendo lido estas palavras, o ancião pensava consigo quem poderia tê-las escrito, visto que a Santa havia-lhe dito que ela não sabia escrever, e tivera uma extrema alegria por desta maneira ter sabido o seu nome. Ele soube desta forma, que no instante em que ela recebera o Santo Sacramento à beira do Jordão, viera para aquele lugar e passara ao Céu; e que assim ela havia feito em um momento, o mesmo caminho em que ela havia empregado 20 dias inteiros caminhando sem parar. Este bom ancião tendo prestado infinitas ações de graças a Deus e encharcado com seu pranto o corpo da Santa, pôs-se a dizer: “É tempo, Zósimo, de executar o que te foi ordenado. Mas infelizmente como farei, pois não tenho como cavar a terra, nem pá nem coisa alguma.” Enquanto falava ao acaso, viu um pequeno pedaço de madeira e tomou-o, e começou a tentar abrir a terra; mas era tão dura, e ele tão extremamente fraco por conta de seus jejuns e com o caminho tão longo, que foi-lhe de todo impossível. Então, encharcado de suor do esforço que havia feito inutilmente, deu profundos suspiros, e levantando os olhos percebeu junto ao corpo da Santa um enorme leão, que lhe lambia os pés, o que o encheu primeiramente de um maravilhoso pavor e principalmente porque a Santa lhe havia dito, não ter jamais visto nenhum animal selvagem naquele deserto. Mas assegurou-se pelo Sinal da Cruz e pela fé, que aquele santo corpo poderia protegê-lo de todo o perigo. E o Leão começou a fazer-lhe carícias como para saudá-lo. Então Zósimo disse-lhe: “Rei dos animais, já que Deus enviou-te aqui, a fim de que o corpo de Sua serva não permaneça insepulto, cumpre o teu encargo, dando-me os meios de colocá-lo na terra; pois além de minha velhice que me tira a força de cavar, não há nada aqui que seja apropriado, e eu não poderia depois fazer um tão longo caminho como o que já fiz; mas visto que recebeste ordens de Deus para isso, usa tuas unhas nesta obra.”

Obedecendo ao ancião, o leão cavou de súbito uma fossa suficiente, e Zósimo depois de regar com suas lágrimas os pés da Santa, e com muitas orações, implorando sua assistência para todo o mundo e particularmente por ele; cobriu o corpo de terra, deixando-o como o havia encontrado; coberto somente uma parte, por aquele velho casaco rasgado, que havia jogado para a Santa dois anos antes. Enquanto isso, o leão permaneceu firme, e quando o ofício de piedade acabou, retiraram-se os dois ao mesmo tempo. Este soberbo animal e uma doce ovelha foram-se para o fundo do deserto, e Zósimo voltou bendizendo a Deus e cantando um Cântico de louvor a Jesus Cristo Nosso Salvador.

Quando voltou ao mosteiro, contou-lhes desde o começo o que lhe havia acontecido, sem nada esconder-lhes do que vira ou escutara, para que aprendendo os efeitos milagrosos da Onipotência de Deus, fossem cheios de admiração e que assim celebrassem com temor e com amor; o dia da bem-aventurada passagem daquela gloriosa Santa, por cuja opinião o abade João percebeu, que alguns de meus irmãos precisavam de correção e converteu-os pela assistência da misericórdia de Deus. Quanto a Zósimo, depois de ter vivido até a idade de 100 anos naquele mosteiro, foi-se em paz gozar da

Presença de Deus pela Graça de Jesus Cristo, ao qual com Seu Pai e o adorável Espírito Santo vivificador das almas, a honra, o poder e a glória pertencem pelos séculos dos séculos. Amém.



São Sofrônio de Jerusalém:

A Vida de Nossa Santa Mãe MARIA DO EGITO

Tradução do inglês por: Jandira Soares Pimentel
de texto encontrado na Internet,
revisão e edição de Pe. André Sperandio



*«É bom esconder o segredo de um rei,
mas é glorioso revelar e praticar as obras de Deus.»
(Tb 12,7)*



Assim disse o Arcanjo Rafael a Tobias quando o curou de sua cegueira. Na verdade, não guardar o segredo de um rei é um grande e perigoso risco; mas, silenciar sobre as obras de Deus é uma grande perda para a alma. E eu (diz São Sofrônio), ao escrever a vida de Santa Maria do Egito, fico temeroso de esconder os feitos de Deus pelo silêncio. Lembrando da desventura do servo infiel que escondeu os talentos dados por Deus na terra (Mt 25:18-25), estou seguro para contar a sagrada história a que tive acesso. E não pensem (continua S. Sofrônio), que ousei escrever alguma inverdade ou fato duvidoso sobre essa grande maravilha - que eu nunca minta sobre coisas santas! Se acontecer que pessoas leiam esse relato e não acreditem, que o Senhor tenha piedade delas, porque, refletindo sobre a fraqueza da natureza humana, eles consideram impossível estas coisas maravilhosas acontecerem com pessoas santas. Mas agora, devemos iniciar o relato dessa incrível história que aconteceu em nossa geração:

— «Havia um certo ancião em um dos mosteiros da Palestina, um padre de vida e palavra santas, que desde a infância foi criado no caminho e nos costumes monásticos. Este ancião chamava-se Zózimo. Em toda sua vida ascética e em tudo o mais, ele aderiu à Regra dada a ele pelos seus mestres, no que dizia respeito aos trabalhos espirituais e a isso ele acrescentou por si mesmo mais trabalhos, a fim de sujeitar a carne à vontade do espírito. E ele não falhou no seu objetivo. Ele era tão renomado por sua vida espiritual que muitos vinham a ele dos mosteiros vizinhos e outros de bem longe. Durante sua vida nunca deixou de estudar as Divinas Escrituras. Seja descansando ou de pé, trabalhando ou comendo (se as migalhas que ele comia podiam ser chamadas alimento), ele, incessantemente e constantemente, tinha um único objetivo: sempre louvar a Deus e praticar os ensinamentos das Divinas Escrituras. Zózimo costumava contar que desde que foi retirado do seio de sua mãe e foi entregue ao mosteiro, ele se

submeteu ao treinamento ascético até a idade de 53 anos. Depois disso, ele começou a ser atormentado com o pensamento de que ele era perfeito em tudo e não necessitava de instrução alguma de ninguém, dizendo a si mesmo mentalmente, *«existirá algum monge na terra que pode ser útil a mim e mostrar-me um tipo de ascetismo que eu já não tenha realizado? Haverá algum homem no deserto que tenha me superado?»*

Assim pensava o ancião, quando de repente um anjo lhe apareceu e disse:

— «Zózimo, você lutou valentemente, tanto quanto esteja na capacidade humana, valentemente você trilhou o caminho ascético. Mas, não há homem algum que tenha atingido a perfeição. Antes que você minta, batalhas não conhecidas, maiores do que as suas foram realizadas. Para que você conheça quantos outros caminhos levam à salvação, deixe sua terra natal, como o patriarca Abraão e vá para o monastério à margem do Rio Jordão».

Zózimo fez como lhe fora dito. Deixou o monastério no qual vivera desde a infância e foi para o Rio Jordão. Finalmente chegou à comunidade para onde Deus o enviara. Batendo à porta do monastério, disse ao monge porteiro quem ele era e este reportou ao abade. Sendo admitido à presença do abade, Zózimo fez a prostração usual e suas orações. Vendo que ele era um monge o abade perguntou:

— «De onde vens irmão, e porque vieste a nós pobres anciãos?»

Zózimo replicou:

— «Não há necessidade de dizer de onde eu vim, mas vim, Pai, buscando ajuda espiritual, pois ouvi grandes maravilhas sobre sua habilidade em conduzir almas para Deus».

«Irmão», disse o abade, «apenas Deus pode curar a enfermidade da alma. Que Ele ensine a ti e a nós seus divinos caminhos e nos conduza a todos. Mas já que é o amor de Cristo que te trouxe para visitar-nos, pobres anciãos, então fique conosco, se é por isso que tu vieste. Que o Bom Pastor Que deu sua vida pela nossa salvação encha-nos a todos com a graça do Santo Espírito».

Depois disso, Zózimo se inclinou diante do abade, pediu suas orações e bênção e ficou no monastério. Lá ele conheceu anciãos zelosos, tanto na ação quanto na contemplação do Senhor. Eles cantavam incessantemente, permaneciam em oração toda a noite, o trabalho sempre em suas mãos e salmos em seus lábios.

Nunca uma palavra vã era ouvida entre eles, nada sabiam sobre adquirir bens temporais ou dos cuidados da vida. Tinham apenas um desejo - ter seus corpos como cadáveres. Seu alimento constante era a Palavra de Deus, e mantinham seus corpos a pão e água apenas; tanto quanto seu amor

a Deus lhe permitiam. Vendo isto, Zózimo ficou grandemente edificado e preparou-se para o combate que o esperava.

Muitos dias se passaram e chegou o tempo, quando todos os cristãos jejuam e se preparam para adorar a Divina Paixão e Ressurreição de Cristo.

Os portões do monastério eram sempre fechados e se abriam apenas quando alguém da comunidade era enviado para alguma incumbência. Era um local deserto, onde nunca apareciam visitantes do mundo e sequer era conhecido deles.

Havia uma regra no monastério que foi a razão pela qual Deus enviara Zózimo para lá. No início do Grande Jejum (no *Domingo do Perdão*) o padre celebrava a sagrada Liturgia e todos participavam do sagrado corpo e sangue do Senhor. Depois da Liturgia eles iam ao refeitório e podiam comer um pouco de comida quaresmal.

Em seguida, todos se reuniam na igreja e depois de rezarem fervorosamente com prostrações, os anciãos se beijavam e pediam-se mutuamente perdão. E cada um fazia uma prostração diante do abade, pedia sua benção e orações para o combate que iam enfrentar. Depois disso, os portões do monastério se abriam e cantando, «*O Senhor é minha luz e meu Salvação; a quem temerei? O Senhor é o defensor de minha vida; de quem terei medo?*» (Salmo 26:1) e o resto daquele salmo, todos saiam para o deserto e atravessavam o Rio Jordão. Apenas um ou dois irmãos permaneciam no monastério, não para guardar a propriedade (pois nada havia para ser roubado), mas para não deixar a igreja sem o Divino Ofício. Cada um levava consigo o quanto podia ou desejava em alimento, de acordo com as necessidades de seu corpo: um tomava um pequeno pão, outro alguns figos, um outro algumas tâmaras ou trigo misturado em água. Alguns nada levavam, mas apenas seus corpos cobertos com trapos e quando a natureza os forçava, se alimentavam de plantas que nasciam no deserto.

Depois de atravessar o Jordão, eles se espalhavam em diferentes direções, longe uns dos outros. E esta era a regra de vida que eles tinham e que todos observavam - nenhum deveria falar com o outro, nem saber como o outro vivia ou jejuava. Se acontecesse de um avistar o outro, deveria este se afastar para outra parte da região, vivendo só e sempre cantando a Deus e na hora definida comer uma pequena porção de comida. Desse modo passavam toda a Quaresma e geralmente retornavam ao monastério uma semana antes da Ressurreição de Cristo, no Domingo de Ramos. Cada um retornava tendo apenas sua própria consciência como testemunha de seu labor e nenhum perguntava a outro como ele passara seu tempo no deserto. Tais eram as regras no monastério. Cada um deles, enquanto no deserto, pelejava consigo mesmo, diante do Juiz da batalha - Deus - não buscando agradar a homens, nem jejuar diante dos olhos de todos. Pois o que é feito para agradar aos homens, ganhar elogios e honrarias, não só é inútil para quem o faz, mas muitas vezes é causa de grande castigo.

Zózimo fez como os demais. E foi para longe, bem longe no deserto com um desejo secreto de encontrar algum Pai que estivesse vivendo ali e que pudesse satisfazer sua sede e desejo de Deus. E vagou sem descanso como se corresse para algum lugar definido. Já tinha andado por vinte dias e quando veio a sexta hora ele parou e voltando-se para o Oriente, começou a cantar a *Sexta Hora* e recitar as orações costumeiras. Ele costumava interromper sua jornada em determinados horários para descansar um pouco, para cantar salmos de pé e rezar de joelhos.

Assim cantava, sem tirar os olhos dos céus quando subitamente, viu à direita da colina em que se encontrava, algo semelhante a um corpo humano. No início ele ficou confuso, pensando tratar-se de uma visão do demônio e chegou a ter medo. Mas, tendo feito o sinal da Cruz e banido todo o medo, volveu o olhar naquela direção e na verdade viu algo deslizando na direção sul. A forma estava nua, a pele escura, como se queimada completamente pelo calor do sol; o cabelo em sua cabeça era branco como lã e não comprido, indo somente até abaixo do pescoço. Zózimo ficou tão cheio de alegria ao perceber uma forma humana que correu atrás em perseguição, mas a forma fugiu dele.

Ele a seguiu, contudo. Finalmente, quando estava próximo a ponto de ser ouvido, ele gritou:

— «Por que tu foges de um homem velho e pecador? Escravo do Deus Verdadeiro, espere por mim, quem quer que sejas, em nome de Deus eu te digo, pelo amor de Deus, pelo amor de Quem você vive nesse deserto!»

— «Perdoa-me, pelo amor de Deus, mas não posso me voltar em tua direção e mostrar-te minha face, Pai Zózimo. Pois sou uma mulher e estou nua como vês, com as partes vergonhosas descobertas. Mas se podes satisfazer um desejo de uma pecadora, atira-me tua capa de modo que eu possa cobrir meu corpo e voltar-me para que possas abençoar-me».

Aqui o pavor se apoderou de Zózimo, pois ele a ouviu chamá-lo pelo nome. Mas compreendeu que ela não poderia ter feito isso sem conhecê-lo, se não possuísse uma clarividência espiritual.

Então ele atendeu ao que ela pedia. Retirou sua velha e gasta capa e atirou-lhe, afastando-se enquanto fazia isso. Ela pegou-o e cobriu pelo menos uma parte de seu corpo. Quando se voltou para Zózimo disse:

— «Por que desejaste, Pai Zózimo, ver uma mulher pecadora? O que desejas ouvir ou aprender de mim, tu que não te encolheste diante de grandes obstáculos?»

Zózimo atirou-se ao chão e pediu-lhe a benção. Ela igualmente se curvou diante dele. E assim, ficaram no chão, prostrados, pedindo a bênção um do outro. E apenas uma palavra podia ser ouvida de ambos: "Abençoe-me!" Depois de um tempo a mulher disse a Zózimo:

— «Pai Zózimo, és tu quem deves abençoar e rezar. Tu és dignificado com a ordem do sacerdócio e por muitos anos tens estado diante do altar sagrado, oferecendo o sacrifício dos Divinos Mistérios».

Isto deixou Zózimo apavorado. Finalmente, com lágrimas ele disse a ela:

— «Oh Mãe, cheia do espírito, por teu modo de vida é evidente que vives com Deus e morreste para o mundo. A Graça a ti concedida é aparente - pois me chamaste pelo meu nome e soubeste que sou um sacerdote, embora nunca me tenhas visto antes. A Graça é reconhecida não por uma ordem, mas pelos dons do Espírito, então, conceda-me tua benção pelo amor de Deus, pois necessito de tuas preces».

Então, cedendo ao desejo do ancião ela disse:

— «Abençoado é Deus que zela pela salvação dos homens e de suas almas».

Ao que Zózimo respondeu: «Amem».

Então ambos se levantaram. E ela lhe disse:

— «Por que vieste, homem de Deus, a mim que sou tão pecadora? Por que desejas ver uma mulher nua e despida de toda virtude? Embora eu saiba uma coisa - a Graça do Espírito Santo trouxe-te a mim para prestares-me um serviço no tempo devido. Diga-me pai, como estão vivendo os cristãos? E os reis? Como está sendo conduzida a Igreja?»

Zózimo disse:

— «Por suas preces, mãe, Cristo tem concedido paz duradoura a todos. Mas, realize um pedido indigno de um velho homem para o mundo inteiro e ore por mim que sou pecador, de modo que meu vaguear no deserto não seja infrutífero».

Ela respondeu-lhe:

— «Tu, que és um sacerdote, Pai Zózimo, é quem deves rezar por mim e para todos - pois este é o teu chamado. Mas como devemos todos ser obedientes, farei alegremente o que me pedes».

E com estas palavras ela se voltou para o oriente e levantando seus olhos para o céu e estendendo suas mãos, começou a rezar num murmúrio. Não se podia ouvir palavras distintas, de modo que Zózimo não conseguiu entender coisa alguma do que ela dizia em suas preces. Enquanto isso, ele permanecia de pé, de acordo com sua própria palavra, palpitando, olhando para o chão, sem dizer nada. E ele jurou, chamando a Deus por testemunha, que quando finalmente, pensando que a prece se alongava muito, elevou seus olhos do chão viu que ela permanecia elevada no solo cerca de um braço de distância e orava suspensa no ar. Quando ele viu isso, mais pavor se apoderou

dele e ele caiu ao chão soluçando e repetindo várias vezes, «Senhor, tenha compaixão».

E assim prostrado no chão foi tentado por um pensamento: isto é um espírito e talvez sua oração seja hipocrisia. Mas no mesmo instante a mulher se voltou, elevou-o do solo e disse:

— «Por que o pensamento te confunde, Pai, e te tenta a meu respeito, como se eu fosse um espírito e uma fingidora na oração? Saiba, santo pai, que eu sou apenas uma mulher pecadora, embora guardada pelo santo Batismo. E não sou um espírito, mas terra, cinza e carne apenas».

Com estas palavras ela se protegeu com o sinal da Cruz em sua testa, olhos, boca e peito, dizendo:

— «Defenda-nos Deus contra o maligno e de seus desígnios, pois feroz é sua batalha contra nós».

Ouvindo e vendo isto, o ancião caiu ao chão e abraçando seus pés, disse entre lágrimas:

— «Eu te suplico, pelo Nome de Cristo, nosso Deus, que nasceu de uma Virgem, por cujo amor te despojaste, por cujo amor exauriste tua carne, não te escondas de teu servo; quem és tu, de onde vens e como vieste a este deserto. Diga-me tudo de modo que as maravilhas realizadas por Deus sejam conhecidas. Uma sabedoria escondida e um tesouro secreto – qual proveito há neles? Diga-me tudo, eu te imploro. Não por vaidade ou por exibicionismo falarás, mas para revelar a verdade a mim, um pecador indigno. Creio em Deus, para quem vives e a quem serves. Acredito que Ele me conduziu a este deserto para mostrar-me Seu caminho no que diz respeito a ti. Não está em nosso poder resistir aos planos de Deus. Se não fosse por vontade dele que tu e tua vida fossem conhecidas, Ele não teria me permitido ver-te e não teria me concedido forças para empreender essa jornada, a um como eu que nunca antes ousou deixar sua cela».

Muito mais disse Pai Zózimo. Mas a mulher o ergueu e disse:

— «Estou envergonhada, Pai, de falar-te de minha desgraçada vida, perdoe-me, por amor de Deus! Mas já que viste meu corpo nu, devo do mesmo modo, desnudar minhas ações, de modo que saibas com quanta vergonha e obscenidade minha alma está cheia. Eu não corria por vaidade, como pensaste, pois de que devo orgulhar-me – eu que fui um vaso escolhido pelo demônio? Mas quando eu começar minha história, correrás de mim como se de uma serpente, pois seus ouvidos não suportarão a vileza de meus atos. Mas devo contar tudo sem esconder nada, apenas implorando antes a ti, que rezes por mim, incessantemente, de modo que eu obtenha a misericórdia no dia do Julgamento».

O ancião chorou e a mulher iniciou sua história.

— «Minha terra natal, santo Pai, é o Egito. Ainda quando meus pais eram vivos e eu tinha doze anos, renunciei ao amor deles e fui para Alexandria. Estou envergonhada de lembrar como então, eu primeiro perdi minha virgindade e em seguida, incontida e insaciavelmente, entreguei-me à sensualidade. Falarei disso brevemente, de modo que apenas saibas da minha paixão e lascívia. Por cerca de dezessete anos, perdoe-me, vivi desse modo. Eu era como um fogo de depravação pública. E não era por amor ao ganho - aqui eu falo a pura verdade. Frequentemente, quando eles desejavam pagar-me, eu recusava o dinheiro. Agia dessa maneira para fazer com que, tantos homens quantos fosse possível desejassem possuir-me, fazendo de graça o que me dava prazer. Não pense que eu fosse rica e essa fosse a razão pela qual eu não pegasse o dinheiro. Eu vivia de pedir e de tecer, mas tinha um desejo insaciável e uma paixão irreprimível por deitar-me na lama. Isto era vida para mim. Todo tipo de abuso da natureza eu considerava ser vida.

Assim eu vivia. Então, num verão eu vi uma grande multidão de líbios e egípcios correrem em direção ao mar. Perguntei a um deles, *'para onde estão indo todos esses homens?'* Ele respondeu, *'eles estão indo a Jerusalém, para a Exaltação da Cruz Preciosa e Vivificante, que ocorrerá dentro de alguns dias.'* Eu disse a ele, *'tu me levas junto se eu desejar ir?'* *'Ninguém te impedirá de ir se tens dinheiro para pagar a viagem e a comida.'* E eu lhe disse: *'para dizer a verdade, não tenho dinheiro, nem alimento. Mas irei com eles e estarei à bordo. E eles me alimentarão, queiram ou não. Eu tenho um corpo - eles o tomarão ao invés de pagar pela viagem.'* De repente enchi-me de desejo de ir, Pai, para ter mais amantes que pudessem satisfazer minha paixão. Eu disse a ti, Pai Zózimo, que não me forçasses a contar-te sobre minha desgraça. Deus é minha testemunha, estou receosa de corromper-te e até ao ar, com minhas palavras».

Zózimo, soluçando, replicou:

— «Fala, pelo amor de Deus, Mãe, fala e não quebra o fio de tão edificante história».

E, continuando sua história, ela prosseguiu:

— «Aquele jovem, ouvindo minhas palavras desavergonhadas, riu e foi-se embora. Enquanto eu, jogando fora o tear, corri em direção ao mar na direção que todos pareciam seguir e vendo alguns rapazes de pé na praia, cerca de dez ou mais, cheios de vigor e prontidão em seus movimentos, decidi que eles serviam aos meus propósitos; (parecia que alguns esperavam por mais passageiros enquanto outros tinham ido à terra). Desavergonhadamente, como sempre, misturei-me à multidão, dizendo, *'levem-me consigo para onde estão indo; vocês não vão me achar supérflua.'* Também acrescentei mais algumas palavras provocando o riso geral. Vendo minha prontidão para a falta de vergonha, eles prontamente colocaram-me a bordo na embarcação. Aqueles que eram esperados também vieram e finalmente partimos.

Como posso relatar o que aconteceu depois disso? Que língua pode contar, que ouvidos podem receber tudo o que aconteceu naquela embarcação durante aquela viagem! Dizer que eu frequentemente forçava aqueles pobres moços, até contra sua própria vontade!? Não há depravação alguma, mencionável ou não, que eu não lhes tenha ensinado. Estou surpresa, Pai, como o mar suportou nossa licenciosidade, como a terra não abriu suas mandíbulas, e como o inferno não me engoliu viva, enquanto eu prendia em minha teia tantas pessoas. Mas, acredito que Deus estava buscando meu arrependimento. Pois ele não deseja a morte do pecador, mas magnanimamente espera seu retorno a Ele. Finalmente chegamos a Jerusalém. Passei os dias antes do festival na cidade, vivendo o mesmo tipo de vida, talvez até pior. Eu não estava contente com os jovens que tinha seduzido em alto mar e que me ajudaram a chegar a Jerusalém; também seduzi a muitos outros, tanto da cidade quanto estrangeiros que lá estavam.

O dia sagrado da Exaltação da Cruz despontou, enquanto eu ainda estava à caça de jovens. Ao amanhecer, vi que todos corriam para a igreja então, corri com o resto deles. Quando a hora da sagrada elevação se aproximou eu estava tentando abrir caminho entre a multidão, que lutava para chegar às escadarias. Finalmente, com grande dificuldade, consegui ir me espremendo quase até às portas da igreja, de onde a Vivificante Árvore da Cruz estava sendo mostrada ao povo. Mas quando eu pisei no limiar da porta, por onde todos entraram, fui impedida por uma força que não me deixou entrar. Entretanto, completamente ignorada pela multidão me encontrei sozinha no pórtico da igreja. Pensando que isto tivesse acontecido devido à minha fraqueza de mulher, comecei novamente a abrir caminho com os cotovelos no meio da multidão. Mas era em vão meu esforço. Novamente meus pés pisaram no limiar onde outros iam entrando na igreja, sem encontrar nenhum obstáculo. Eu somente parecia não ser aceita na igreja. Era como se um destacamento de soldados estivesse lá de pé, se opondo à minha entrada. Mais uma vez fui excluída pela mesma força poderosa e novamente fiquei no limiar.

Havendo tentado por três ou quatro vezes, finalmente me senti esgotada e não tendo mais forças para empurrar e ser empurrada, fui para o lado e permaneci num canto do pórtico. E então, com grande dificuldade, começou a despontar algo em mim e comecei a perceber a razão pela qual eu estava sendo impedida de ver a Cruz Vivificante. A palavra da salvação gentilmente tocou os olhos do meu coração e revelou-me que era minha vida impura que fechava a entrada para mim. Comecei a chorar e lamentar e bater no meu peito e a suspirar das profundezas do meu coração. E assim permaneci chorando, quando vi acima, um ícone da Santíssima Mãe de Deus. E voltando para ela meus olhos do corpo e da alma eu disse:

'Ó Senhora, Mãe de Deus, que deste à luz na carne a Deus, o Verbo; eu sei, ó quão bem eu sei, que não há nenhuma honra ou louvor para ti quando alguém tão impura e depravada como eu, olha para teu ícone, ó sempre Virgem,

que mantiveste teu corpo e alma na pureza. Certamente inspiro desprezo e desgosto ante tua pureza virginal. Mas já ouvi que Deus, que nasceu de ti, se tornou homem para chamar pecadores à conversão. Então, ajuda-me, pois não tenho outro auxílio. Ordena que os portais da igreja se abram para mim. Permita-me ver a venerável Árvore na qual Ele que nasceu de ti, sofreu na carne e na qual Ele derramou seu preciosíssimo Sangue pela redenção dos pecadores e para mim, indigna como sou. Seja minha testemunha fiel diante de Teu Filho que eu nunca mais corrompereí meu corpo na impureza da fornicção, mas tão logo eu veja a Árvore da Cruz, renunciarei ao mundo e às suas tentações e irei aonde quer que me conduzas.

Assim falei e como se recobrasse nova esperança, com fé firme e sentindo alguma confiança na misericórdia da Mãe de Deus, deixei o lugar onde tinha ficado rezando. E fui novamente, misturada à multidão que fazia seu caminho dentro do templo. E ninguém parecia impedir-me, ninguém estorvou minha entrada na igreja. Fiquei possuída de tremor e estava quase à beira do delírio. Tendo chegado tão próximo das portas, o que eu não conseguira antes, como se a mesma força que me impedira agora abrisse caminho para mim, eu agora entrava sem dificuldade e me encontrei no lugar santo. E então vi a Cruz Vivificante. Vi também os Mistérios de Deus e como o Senhor aceita o arrependimento. Jogando-me ao chão, adorei aquela terra santa e tremendo, beijei-a. Então saí da igreja e fui àquela que prometeu ser minha segurança, ao lugar onde eu selei meu voto. E dobrando meus joelhos diante da Virgem Mãe de Deus dirigi a ela estas palavras:

'Ó Amável Senhora, mostraste-me teu grande amor por todos os homens. Glória a Deus, que aceita o arrependimento de pecadores através de ti. O que mais posso lembrar ou dizer, eu que sou tão pecadora? É hora para mim, ó Senhora, de cumprir meu voto, de acordo com o teu testemunho. Agora, conduze-me pela mão pelo caminho do arrependimento!' E ao dizer estas palavras ouvi uma voz do alto:

'Se atravessares o Jordão irás encontrar glorioso repouso.'

Ouvindo esta voz e crendo que eram para mim, gritei para a Mãe de Deus:

'Ó Senhora, Senhora, não me abandones!'

Com estas palavras deixei o pórtico da igreja e parti para minha jornada. Quando eu ia deixando a igreja um estranho olhou-me e deu-me três moedas, dizendo:

'Irmã, tome isto.'

Pegando o dinheiro, comprei três pães e levei-os comigo como um presente abençoado. Perguntei à pessoa que vendeu os pães: *'Qual é o caminho para o Jordão?'* Fui direcionada para o portão da cidade que conduzia àquele caminho. Correndo atravessei os portões e ainda chorando iniciei

minha jornada. Perguntei o caminho àqueles que encontrei e depois de caminhar pelo resto daquele dia, (penso que eram nove horas quando eu vi a Cruz), finalmente, ao pôr do sol, alcancei a igreja de São João Batista, que ficava na margem do Jordão. Depois de rezar no templo, desci o Jordão e lavei o rosto e as mãos nas águas santas. Participei dos santos e vivificantes Mistérios na Igreja do Precursor e comi a metade de um dos pães. Em seguida, após beber um pouco de água do Jordão, deitei-me e passei a noite no chão. Pela manhã encontrei um pequeno bote e cruzei para o lado oposto. Novamente, rezei à Nossa Senhora para conduzir-me onde desejasse. Então, encontrei-me nesse deserto e desde então até o dia de hoje sou estranha a todos, mantendo-me longe das pessoas e delas fugindo. E vivo aqui, agarrando-me ao meu Deus Que salva a todos que se voltam para Ele, os de coração fraco e nas tempestades».

Zózimo perguntou-lhe:

— «Quantos anos se passaram desde que começaste a viver neste deserto?»

Ela replicou:

— «Quarenta e sete anos se passaram, creio, desde que deixei a cidade santa».

Zózimo inquiriu:

— «Mas qual alimento encontraste?»

A mulher disse:

— «Eu tinha dois pães mais a metade quando cruzei o Jordão. Logo eles ficaram duros como pedra. Comendo aos pouquinhos eles acabaram em alguns poucos anos».

Zózimo continuou:

— «Como se explica que tenhas vivido por tão longos anos, assim, sem ficares doente, sem sofrer de algum modo uma mudança tão completa?»

Ela respondeu:

— «Tu me lembras, Zózimo, do que eu não ousa falar. Pois quando me lembro dos perigos que superei, todos os pensamentos violentos que me confundiram, novamente tenho receio de que eles venham a me dominar».

Zózimo falou:

«Não escondas nada de mim; fala-me sem ocultar coisa alguma».

E ela respondeu-lhe:

— «Creia-me, Pai, por dezessete anos vivi nesse deserto lutando contra feras selvagens - desejos loucos e paixões. Quando ia me alimentar eu costumava lamentar a carne e o peixe que eu tinha em abundância no Egito.

Lamentava também não ter vinho que eu apreciava tanto, pois eu bebia muito vinho quando vivia no mundo, enquanto aqui eu nada tinha, nem mesmo água. Queimava-me até sucumbir de sede. Um desejo atroz de canções libertinas também me perturbava e me confundia grandemente, levando-me quase a cantar canções satânicas, que eu tinha aprendido antes. Mas quando esses desejos me vinham, eu batia no peito e me recordava do voto que tinha feito antes de vir para o deserto. Em meus pensamentos voltava-me para o ícone da Mãe de Deus que me tinha recebido e a quem clamava na oração. Implorava-lhe para dar caça a esses pensamentos, diante dos quais minha alma estava sucumbindo. E depois de chorar por longo tempo e batendo no peito, eu costumava ver uma luz que parecia brilhar sobre mim de algum lugar. E depois da violenta tempestade finalmente vinha a paz.

E como posso dizer-lhe sobre os pensamentos que me instavam à fornicção, como posso expressá-los a ti, Pai? Um fogo inflamava meu miserável coração que parecia queimar-me completamente e me despertava uma sede de abraços. Tão logo esse desejo me surgia, eu jogava-me ao solo e molhava-o de lágrimas, como se visse diante de mim minha testemunha, que tinha me aparecido em minha desobediência e que parecia ameaçar punição para o castigo. E eu não me erguia do chão (algumas vezes ficava lá prostrada por um dia e uma noite), até que a calma e a doce luz descesse e me iluminasse e pusesse em fuga os pensamentos que me possuíram. Mas sempre eu voltava os olhos de minha mente para minha protetora, pedindo-lhe para estender seu auxílio a uma que estava afundando rápido nas dunas do deserto. E sempre a tive como meu socorro e aquela que aceitava meu arrependimento. E assim vivi por dezessete anos, entre constantes perigos. E desde então a Mãe de Deus me auxilia em tudo e me conduz como se pela mão fosse».

Zózimo perguntou:

— «Como pode ser que não tenhas necessitado de alimento e roupas?»

Ela respondeu:

— «Quando terminaram os pães que trouxe, de que já falei, por dezessete anos me alimentei de ervas e tudo que pudesse ser encontrado no deserto. As roupas que eu trazia quando atravessei o Jordão se tornaram rotas e gastas. Sofri grandemente o frio e o calor extremo. Às vezes o sol me queimava completamente e em outras eu estremecia enregelada e frequentemente caía ao chão onde permanecia inerte, sem respirar. Eu lutava contra muitas aflições e com terríveis tentações. Mas desde então e até agora, o poder de Deus numerosas vezes guardou minha alma pecadora e meu pobre corpo. Mas quando penso nos perigos dos quais Nosso Senhor me livrou, tenho alimento imperecível de esperança e salvação. Sou alimentada e vestida pela toda poderosa Palavra de Deus, o Senhor de todos. Pois não é somente de pão que se vive. E aqueles que se despojaram dos trapos do

pecado não encontram refúgio, escondendo-se nos vãos das rochas (Jó 24; Heb 11:38)».

Ouvindo-a citar as Escrituras, de Moisés a Jó, Zózimo perguntou-lhe:

— «E então tens lido os Salmos e outros livros?»

Ela sorriu a isto e disse ao ancião:

— «Creia-me, desde que atravessei o Jordão não vi um rosto humano, exceto o teu hoje. Não vi uma fera ou uma criatura viva desde que vim ao deserto. Nunca aprendi nos livros. Também nunca ouvi alguém que cantasse ou lesse deles. Mas a palavra de Deus que é viva e ativa, por si mesmo, ensina a um homem o saber. E assim chega ao fim minha história. Mas como te pedi no início, e também agora, imploro pelo amor da Palavra encarnada de Deus, reze ao Senhor por mim que sou tão grande pecadora».

Assim terminando, ela se inclinou diante dele. Com lágrimas ele exclamou:

— «Bendito é Deus que cria o grande e o maravilhoso, o magnífico e o glorioso sem fim. Bendito é Deus que me mostrou como Ele recompensa aqueles que O temem. Verdadeiramente, Ó Deus, Tu não abandonas aqueles que te buscam!»

E a mulher, não permitindo ao ancião curvar-se diante dela, disse:

— «Eu te peço, santo Pai, pelo amor de Jesus Cristo, nosso Deus e Salvador, não contes a ninguém o que ouviste, até que Deus me tire desse mundo. E agora vá em paz e novamente me verás no próximo ano e eu a ti, se Deus nos preservar em Sua grande misericórdia. Mas, pelo amor de Deus, faça como te peço. No próximo ano, durante a Quaresma, não atravesse o Jordão, como é costume no monastério».

Zózimo ficou surpreso ao ver que ela conhecia as regras do Monastério e só pôde dizer:

— «Glória a Deus que concede grandes dons àqueles que O amam».

Ela continuou:

— «Permaneça, Pai, no monastério. E mesmo que desejes partir, não o conseguirás. E ao pôr do sol do dia santo da Última Ceia, coloque um pouco do vivificante Corpo e Sangue de Cristo dentro de um cálice sagrado, digno de conter tais Mistérios e traga-os para mim. E espere por mim na margem do Jordão, nas vizinhanças das partes habitadas da terra, de modo que eu possa vir e participar dos Dons vivificantes. Pois, desde a vez que comunguei no templo do Precursor, antes de atravessar o Jordão até este dia, não mais me aproximei dos Sagrados Mistérios. E tenho sede deles com irreprimível amor e desejo. E assim, peço e imploro a ti que me concedas essa graça, traga-me os Mistérios vivificantes nessa mesma hora, quando Nosso Senhor fez com que seus discípulos participassem de sua Divina Ceia. Diga ao Abade

João do monastério onde vives: *'Cuida de si e de teus irmãos, pois há muito o que se corrigir'*. Apenas não diga isto agora, mas quando Deus te conduzir. Ora por mim!»

Com estas palavras ela desapareceu nas profundezas do deserto. E Zózimo, caindo de joelhos e curvando-se em direção ao chão onde ela havia estado, deu glória e graças a Deus. E depois de vagar através do deserto, ele voltou ao monastério no dia em que todos os irmãos retornavam.

Durante todo o ano ele manteve silêncio, não ousando contar a ninguém o que tinha visto. Mas rezava a Deus para conceder-lhe outra chance de ver o querido e ascético rosto. E quando finalmente chegou o primeiro domingo do Grande Jejum, todos partiram para o deserto com as orações costumeiras e os cantos dos salmos. Apenas Zózimo ficou retido, doente - estava em febre. E ele se lembrou do que a santa lhe dissera: *"e mesmo se desejares partir, não conseguirás."*

Muitos dias se passaram e finalmente, recuperando-se de sua doença ele permaneceu no monastério. E quando aconteceu que os monges retornaram e o dia da Última Ceia despontou, ele fez como fora ordenado. E colocando um pouco do puríssimo Corpo e Sangue dentro de um pequeno cálice e colocando alguns figos, tâmaras e lentilhas mergulhadas em água dentro de um cestinho, partiu para o deserto e alcançou as margens do Jordão e se sentou esperando pela santa. Ele aguardou um bom tempo e depois começou a duvidar. Então, levantando os olhos para o céu começou a rezar:

— «Concede-me ó Senhor, ver aquela que me concedeste uma vez contemplar. Não me deixes partir em vão por causa do peso de meus pecados».

E então, outro pensamento lhe ocorreu:

— «E se ela vier? Não há nenhum barco; como ela irá atravessar o Jordão para vir a mim, que sou tão indigno?»

Ainda assim pensava, quando viu a santa mulher aparecer e parar do outro lado do rio. Zózimo se levantou, alegrando-se, dando glória e agradecendo a Deus. E novamente veio a ele o pensamento de que ela não poderia atravessar o Jordão. Então ele a viu fazer o sinal da Cruz sobre as águas do rio Jordão (e a noite era de lua, como ele relatou mais tarde) e então ela pisou nas águas e começou a caminhar sobre a superfície, em direção a ele. E quando ele desejou se prostrar ela gritou para ele, ainda caminhando sobre a água:

— «O que estás fazendo, Pai, tu és um sacerdote e estás levando os divinos Dons»!

Ele obedeceu-lhe e ao chegar à praia ela disse ao ancião:

— «Pai, abençoa-me, abençoa-me!»

Ele respondeu tremendo, pois um estado de confusão tomara conta dele ao presenciar o milagre:

— «Verdadeiramente Deus não mentiu ao prometer que quando estivéssemos puros seríamos como Ele. Glória a Ti, Cristo nosso Deus, que me mostraste através desta tua serva, quão distante eu estou da perfeição».

Aqui a mulher pediu-lhe para rezar o Credo e o Pai-Nosso. Ele iniciou, ela terminou oração e de acordo com o costume daquela época, deu-lhe o beijo da paz nos lábios. Tendo participado dos Santos Mistérios, ela elevou suas mãos para o céu e suspirou com lágrimas em seus olhos, exclamando:

— «Agora, deixa tua serva ir em paz, Ó Senhor, de acordo com a tua palavra, pois meus olhos viram a tua salvação».

Depois ela disse ao ancião:

— «Perdoa-me, Pai, por pedir-lhe, mas conceda-me outro favor. Vá agora para o monastério e que a graça de Deus te guarde. E no próximo ano, venha novamente ao mesmo lugar onde primeiro encontrei-te. Venha, por amor de Deus, pois tu me verás novamente, pois tal é a vontade de Deus.»

Ele disse a ela:

— «A partir desse dia eu gostaria de seguir-te e sempre ver teu rosto santo. Mas por ora realize o único desejo desse velho homem e tome um pouco do alimento que eu te trouxe».

E ele mostrou-lhe a cesta, sendo que ela apenas tocou com a ponta dos dedos as lentilhas e pegando alguns grãos disse que o Espírito Santo guarda a substância da alma impoluta. Então acrescentou:

— «Reza, pelo amor de Deus, por mim e lembre-se de uma miserável pecadora».

Tocando os pés da santa e pedindo suas orações pela Igreja, pelo reino e por si próprio, ele deixou-a partir com lágrimas, enquanto ele se ia suspirando e muito sentido, pois ele não podia esperar vencer o invencível. Enquanto isso ela novamente fez o sinal da Cruz sobre o Jordão, pisou nas águas e atravessou-o como antes. E o ancião voltou, cheio de alegria e terror, acusando-se a si mesmo de não ter perguntado à santa o seu nome. Mas decidiu fazê-lo no próximo ano.

E quando outro ano se passou, ele foi novamente para o deserto. Alcançou o mesmo lugar, mas não pôde ver ninguém. Então, levantando os olhos ao céu como antes, rezou:

— «Mostra-me, ó Senhor, teu puro tesouro, que escondeste no deserto. Mostra-me, eu te peço, o anjo na carne, de quem o mundo não é digno.»

Então, no lado oposto do rio, sua face voltada para o sol nascente, ele viu a santa, morta no chão. Suas mãos estavam cruzadas de acordo com o costume e sua face voltada para o Leste. Correndo, ele chorava sobre os pés da santa e beijava-os, não ousando tocar mais nada».

Por um longo tempo ele chorou. Depois recitando os salmos apropriados, disse as orações fúnebres e pensou consigo: "Devo enterrar o corpo de uma santa? Ou isto seria contrário aos seus desejos?" E então ele viu palavras traçadas no chão, perto da cabeça dela:

— «Pai Zózimo, enterra neste local o corpo da humilde Maria. Volte ao pó o que é pó e reza ao Senhor por mim, que parti no mês de *Fermoutin* do Egito, chamado Abril pelos Romanos, no primeiro dia, na mesma noite da Paixão de Nosso Senhor, depois de participar dos Divinos Mistérios». (Santa Maria morreu em 522 A.D.)

Lendo isto o ancião ficou feliz de conhecer o nome da santa. Ele compreendeu também que, tão logo ela participou dos Divinos Mistérios na margem do Jordão, ela foi transportada ao lugar onde faleceu. A distância que Zózimo levou vinte dias para cobrir, Maria evidentemente atravessou em uma hora e finalmente entregou sua alma a Deus.

Então Zózimo pensou: "Está na hora de fazer o que ela pediu. Mas como vou cavar uma sepultura sem nada nas mãos?"

E então ele viu nas proximidades um pequeno pedaço de madeira deixado por algum viajante do deserto. Pegando-o começou a cavar o chão. Mas a terra era dura e seca e não correspondia aos esforços do velho. Ele ficou cansado e molhado de suor. Suspirava das profundezas de sua alma e levantando os olhos viu um grande leão, próximo ao corpo da santa, a lambê-lo os pés. À vista do leão ele tremeu de medo, especialmente quando se lembrou das palavras de Maria de que ela nunca havia visto feras selvagens no deserto. Mas, protegendo-se com o sinal da Cruz, ele pensou que o poder daquela que ali jazia, o protegeria e o guardaria incólume. Enquanto isso, o leão se aproximou dele, mostrando afeição em cada movimento.

Zózimo disse ao leão:

— «O Grande Um ordenou que o corpo dela seja enterrado. Mas eu sou velho e não tenho forças para cavar a sepultura (pois não tenho pá e demoraria muito para ir conseguir uma), então, poderias realizar o trabalho com tuas garras? Então, poderemos entregar à terra o templo mortal da santa».

Enquanto ainda falava, o leão começou a cavar com suas patas dianteiras um buraco suficientemente fundo para enterrar o corpo.

Novamente o ancião lavou os pés da santa com suas lágrimas e pedindo-lhe que rezasse por todos, cobriu o corpo com terra na presença do leão. Foi como tinha sido, nú e descoberto de tudo, com apenas o manto

esfarrapado que Zózimo lhe dera e com o qual Maria se voltara para tentar cobrir parte do seu corpo. Então ambos partiram. O leão desapareceu nas profundezas do deserto, como um carneirinho, enquanto Zózimo retornou ao monastério glorificando e bendizendo a Cristo Nosso Senhor. E ao alcançar o monastério relatou tudo aos irmãos, diante do que todos se maravilharam ao ouvir os milagres de Deus. E com respeito e amor eles guardaram a memória da santa.

O Abade João, como santa Maria havia previamente dito ao Pai Zózimo, encontrou um número de coisas erradas no monastério e se livrou delas com a ajuda de Deus. E São Zózimo morreu no mesmo monastério, quase atingindo a idade de cem anos e passou para a vida eterna. Os monges guardaram esta história sem escrevê-la, passando-a de viva voz de um para outro.

Mas eu, (acrescenta Sofrônio), tão logo a ouvi, a escrevi. Talvez alguém melhor informado, já tenha escrito a vida da santa, mas tanto quanto possa, registrei tudo, acreditando acima de tudo. Que Deus que realiza milagres incríveis e generosamente concede dons àqueles que se voltam para Ele com fé, recompense aqueles que buscam luz para si mesmos nessa história, que ouvem, leem e são zelosos em escrevê-la, e que Ele conceda a esses, o destino da bem-aventurada Maria, junto com todos os que em diferentes épocas, agradaram a Deus com seus trabalhos e pensamentos piedosos.

E demos também glória a Deus, o Rei eterno, que Ele nos conceda também Sua misericórdia no dia do Julgamento pelo amor de Jesus Cristo, Nosso Senhor, a Quem pertencem toda glória, honra, domínio e adoração com o Pai Eterno e o Santíssimo e Vivificante Espírito, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém!